

Idosos

J. Roberto Whitaker Penteado

Foi preciso chegar aos 50 anos, para perceber como sou jovem. Teodoro Wanke

Há uma estatística que vem evoluindo inexoravelmente, através de todo o mundo civilizado e também no Brasil: a de que cresce o número e a participação dos idosos na população. É um truismo repetir que as pessoas estão morrendo mais tarde e que há, cada vez mais, um contingente de cidadãos hábeis e saudáveis com mais de 60, 70 e 80 anos. A própria definição de "idoso" é algo que merece reflexão. Através do Estatuto, transformado recentemente em lei, são idosos e merecedores de alguns privilégios os cidadãos com mais de 60 anos. Os usos e costumes como a fila preferencial no supermercado estabeleceram a divisória um pouco acima: a partir dos 65.

Entretanto, como outras questões importantes, acredito que, entre nós, o tema tem sido tratado superficialmente especialmente no que se refere ao mercado de trabalho. Suas normas permanecem mais ou menos rígidas e a partir, ainda, dos 40 anos, as oportunidades reduzem-se drasticamente.

Será que o profissional de certa idade é, de fato, injustiçado e incompreendido pelas leis trabalhistas e pelos colegas mais jovens? Em parte, talvez. Mas até que ponto muitos não estarão perdoem-me a expressão crua eles mesmos ajudando a cavar a própria sepultura, profissionalmente falando?

Existem obstáculos, no ambiente de trabalho, que poderiam ser removidos se os mais velhos que sabem mais, porque viram e fizeram mais coisas procurassem se adaptar à convivência com os jovens. Por exemplo: interessando-se mais pelo que vivem, pensam e dizem; ouvindo mais e procurando aprender sobre os novos rituais de trabalho e de lazer desses que constituem, afinal de contas, ainda, a maioria da população e do mercado consumidor. Que música ouvem? Quais os filmes e os programas que assistem? O que significa o que dizem?

Dá-me até medo, formular a pergunta: mas quantos profissionais você conhece, com mais de 50 anos, que se sentem à vontade diante de um computador? Pior ainda: e os de mais de 60 ou 70? Será realmente possível se você não for o chefe, ou o dono do negócio funcionar sem esta ajuda? Sobre ouvir, também me preocupa a prolixidade dos homens e mulheres da minha geração: numa conversa de trabalho, se lhes cabe a palavra, desperdiçam-na contando, em detalhe, as histórias de que participaram há três ou quatro décadas e que rigorosamente nada significam, nem para os jovens ouvintes, nem para as questões atuais, que precisam ser resolvidas como antigamente com mais ação e menos palavras.

Sei que posso estar sendo injusto; certamente o sou em relação aos meus coetâneos que perceberam as oportunidades proporcionadas pela compreensão das pessoas e do tempo e o valor de uma permanente adaptação. Mas repito: cabe ao que sabe mais, e tem mais para dar, entender o que sabe menos; sua experiência o qualifica para tomar a iniciativa, nesse novo diálogo, que em última análise será proveitoso para todos e, em grau até maior, para a própria sociedade.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=150&ID=374>>. **Acesso em:** 4 ago. 2009.